

# A BIBLIOTECA PÚBLICA COMO UM EMPÓRIO DE IDEIAS: evidências do seu lugar na sociedade contemporânea

artigo de revisão

*Bruna Lessa\**

*Henriette Ferreira Gomes\*\**

## RESUMO

Estudo crítico da literatura da área da Biblioteconomia. Ciência da Informação e Sociologia para reflexão do papel social da biblioteca pública na contemporaneidade, com o objetivo de identificar e analisar sua função de mediadora cultural e da informação. Ao refletir sobre a mediação cultural, suas implicações sociais e conceituais, situa a biblioteca pública como espaço social dessa ação ao realizar a mediação da informação. Discutindo as possibilidades de atuação da biblioteca pública, aponta seu potencial transformador ao representar um espaço de encontro e de diálogo em meio a diversidade cultural e de dispositivos tecnológicos, que diversificam o modo de produção e circulação dos bens culturais, passando a se caracterizar como uma espécie de “empório de ideias”, que também deve permitir o conforto da permanência do usuário. Conclui que a biblioteca pública na atualidade é convidada a repensar sua atuação enquanto espaço de mediação da informação que tanto preserva a memória social quanto oferece as condições para a criatividade e produção cultural, assegurando que o respeito à diferença seja o motor do protagonismo social e do respeito e exercício da cidadania.

**Palavras-chave:** Biblioteca pública - Mediação da informação. Biblioteca pública – Mediação cultural. Biblioteca pública – Função social.

---

\* Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia, Brasil. Professora Assistente do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, Brasil. E-mail: lessbruna@gmail.com.

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Brasil. Professora Titular do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, Brasil. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, Brasil. E-mail: henriettefgomes@gmail.com.

## I INTRODUÇÃO

Estudo crítico a partir da prospecção das reflexões compartilhadas na literatura da área da Biblioteconomia. Ciência da Informação e Sociologia, que permitiu identificar e analisar a mediação sociocultural como uma ação inerente à biblioteca pública que na contemporaneidade, mais do que um lugar de guarda de coleções de livros, deve se caracterizar como mediadora da informação e espaço social de inúmeras possibilidades ao usuário, favorecendo, mais do que o consumo da cultura, a apropriação cultural que sustenta a produção

da cultura e a transformação do usuário em sujeito social ativo.

Tendo a biblioteca pública como foco central da análise, o texto parte das reflexões acerca da mediação cultural, suas implicações sociais e conceituais, situando a biblioteca pública como espaço social também envolvido nessa ação, já que esta deve realizar a mediação da informação. Mas ao discutir as inúmeras possibilidades de atuação da biblioteca pública, também se analisa seu potencial transformador quando esta se coloca como espaço do encontro e do diálogo, oferecendo o acesso à diversidade de bens culturais, serviços e produtos de

informação, que reflitam a diversidade cultural e que oferte o acesso, o encontro, o diálogo, tanto no espaço virtual quanto no seu espaço físico, proporcionando o conforto que gera no usuário o sentimento de pertença, potencializador da sua condição de protagonista social.

Na síntese integradora do estudo conclui-se que a contemporaneidade convida ao repensar das condições efetivas da biblioteca pública enquanto espaço de mediação da informação, de mediação cultural, de preservação da memória social, de criação e produção de cultura e encontro e diálogo com o Outro, cujas particularidades e perspectivas são singulares, permitindo que a diferença seja o motor da criatividade, do respeito e exercício da cidadania, e a construção do espaço de ação a partir do qual se ergue o protagonismo social.

## 2 MEDIAÇÃO SOCIOCULTURAL

A mediação está intrinsecamente relacionada à interação entre sujeitos. Em virtude de sua dimensão coletiva, considera-se que as atitudes realizadas por um sujeito motivarão outros a se colocarem em prontidão para a ação, construindo a possibilidade de interlocução para a construção de ações coletivas, o que, de certa forma, caracterizarão um grupo ou uma comunidade. Desse modo, a mediação se apresenta como uma ação voltada para a promoção e integração da sociedade, intervindo nos contextos socioculturais como um processo comunicacional de transformação e reorganização das relações sociais.

A mediação está relacionada às interlocuções que acontecem entre sujeitos que possuem laços sociais dentro de uma comunidade e a partir dessas relações constroem maneiras incomuns de viver. Isto se harmoniza com o fato de que o desenvolvimento das relações humanas inclui o processo de dependência interacional entre indivíduos de um mesmo grupo para que possam sobreviver em comunhão. Tem-se aqui a interlocução e a interação como fatores essenciais para se viver em grupo, criando-se uma identificação social, uma lógica de pertença.

As diferenças sociais, educacionais ou até econômicas, ao contrário do que se possa pensar, ao invés de excluir podem aproximar. Por meio da consciência de que a alteridade

existe, é possível construir novos conceitos, novas afirmações, novas atitudes. A mediação não é passiva, ela provoca, porque interfere. Contudo, não se pode dizer que sua interferência seja impositiva, manipuladora e intencional, a mediação deve provocar, sobretudo, a reflexão sobre as diferenças, questionar o falso e o verdadeiro, aquilo que é, e o que poderá ser.

Perrotti e Pierruccini (2008), por exemplo, ao justificarem o caráter cultural da mediação, dizem que esta é articulada ao processo semiótico por meio do qual se produz sentidos, envolvendo linguagens e discursos. No âmbito social, a função da mediação consiste em organizar e estruturar as relações no ambiente. Os dispositivos de comunicação – a escrita, a fala, as imagens, as obras de arte, entre outros – unem aqueles que, de igual modo, podem decodificá-los, da mesma maneira que aproxima e motiva o Outro pela curiosidade em contemplar as diferenças.

Os contextos culturais e sociais podem interferir no processo de comunicação, quando observados apenas como variáveis no processo de mediação, pois tanto favorecem aqueles em que esses contextos representem similaridade, quanto impedir que haja compreensão de um determinado assunto por um grupo que não está inserido num determinado ambiente social. Entretanto, essas reflexões só começam a ter valor ao se reconhecer a existência do Outro e quando há quem o possa compreender.

Signates (1998), preocupado com os estudos sobre o conceito de mediação, apoia-se nos estudos culturais de Williams, Martín-Barbero e Orozco Gómez para refletir sobre o consenso de um conceito. Em seu texto, esse autor faz um esboço histórico do tema, passando pela noção de reflexo e intermediação baseadas numa abordagem hegemônica Williams, a relação com cultura e suas formas de apropriação Martín-Barbero, até chegar ao conceito de mediações múltiplas e as fontes de mediação Orozco Gómez.

Na área da comunicação, Martín-Barbero (1997) em “Dos meios às mediações”, aponta para os aspectos socioculturais utilizando a mediação como dispositivo de transformação cultural. Martín-Barbero (1997, p. 262, destaque do autor) defende que “O campo daquilo que denominamos *mediações* é constituído pelos dispositivos através dos quais a hegemonia

transforma por dentro o sentido do trabalho e da vida da comunidade.”

Por esse aspecto, verifica-se que a mediação sociocultural ocorre a partir das interações entre os sujeitos e a construção e reconstrução de suas identidades.

A mediação é a institucionalização de um sistema de regras que mobilizam a mudança de comportamento e que visam a reduzir a desarmonia entre visões de mundo e a promover um diálogo entre elas. O exercício da mediação apresenta instrumentos de aplicação e formas de objetivação muito diversas. Essas múltiplas formas de mediação permitem a interligação de mundos diferenciados e pressupõem a ruptura com o modo de pensar e se comportar tanto de mediadores quanto de mediados. (DEPONTI; ALMEIDA, 2008, p. 2).

Assim, a relação entre a mediação e a cultura está na constituição social do “saber humano”, subsidiado pelas experiências do cotidiano. Diante disso, importante salientar que durante algum tempo, a cultura foi entendida como um dispositivo hegemônico que assegurava as divisões entre classes sociais, definindo hierarquias dentro da própria sociedade. De forma conservadora, definia o belo e o feio, o bom e o ruim, o vulgar e o elegante, o erudito e o iletrado. Neste contexto, segundo Bauman (2013, p. 12), a cultura “[...] seria uma agente de mudança de *status quo* [...] um instrumento de navegação para orientar a evolução social rumo a uma condição humana universal.”

Tal orientação, que emergiu do Iluminismo com o objetivo de tornar a sociedade mais igualitária, foi extremamente sectária ao procurar redefinir costumes e adaptá-los a um padrão planejado por uma minoria. Esta reflexão, fez com que a cultura adquirisse a característica de “[...] ferramenta básica para a construção de uma nação, de um Estado e de um Estado-nação [...]” (BAUMAN, 2013, p. 13).

A partir desta concepção de cultura, foram surgindo as missões colonizadoras a fim de “resgatar” povos desconhecidos da “aculturação”. A história da colonização do Brasil, por exemplo, quando narra a chegada dos portugueses às terras brasileiras e o encontro com a população ameríndia, com costumes totalmente contrários aos dos europeus, mostra-

nos o simulacro da “conversão cultural” traduzida pela necessidade de exploração de um território economicamente vantajoso. No processo exploratório, há um jogo de poder quando dominado e dominador encontram um ponto de intercessão em prol da negociação de conflitos cotidianos. Por este aspecto, a cultura se aproxima da ação, e o sujeito que a promove assume protagonismo em determinado contexto. Para Martín-Barbero (1995 apud ESCOSTEGUY, 2010, p. 106),

A hegemonia nos permite pensar a dominação como um processo entre sujeitos onde o dominador intenta não esmagar, mas seduzir o dominado, e o dominado entra no jogo porque parte dos seus próprios interesses está dita pelo discurso do dominador. E, segundo elemento que nos traz Gramsci com o conceito de hegemonia, é que essa dominação tem que ser refeita continuamente, tanto pelo lado do dominador como pelo do dominado.

Nesta perspectiva, as diversidades culturais são necessárias para se manter o equilíbrio social. Por meio de tais diferenças, é possível a aproximação entre os sujeitos sociais, ainda que ocupem condições sociais distintas de dominador ou dominado. Até mesmo para que a hegemonia de um grupo sobre outro ocorra, aproximações e mediações são realizadas para que uma cultura se sobreponha a outra. E tais aproximações e mediações são constantes porque a luta pela hegemonia sempre é restabelecida no curso das complexidades da vida em sociedade. E, nessa “luta” permanente os povos vão estabelecendo suas identidades culturais.

A cultura, portanto, é a base para a construção da história de um povo - elemento essencial para o progresso social. Por este aspecto, compreende-se que para a constituição da identidade de um povo seja necessário um elemento comunicacional para a organização e intermediação das relações sociais. Nesse sentido, a unidade linguística torna possível as interações, as interpretações e as negociações entre os sujeitos sociais. Assim, tem-se a língua como a manifestação de uma cultura, sendo esta relação indissociável e diacrônica, já que ambas servem de suporte uma da outra.

Partindo desta lógica, a linguagem dá condições à apropriação da cultura como uma ferra-

menta para a criação de práticas socioculturais. Nesse sentido, o “apropriar-se” da cultura oportuniza a ressignificação da categoria de dominação, pois quando a cultura passa a receber significado e é construída por todos, torna-se agente de libertação, uma vez que impulsiona o sujeito a ser participativo, criando seus próprios modos de vida.

Tal participação, alimentada pelos conhecimentos de cada sujeito, é representada conforme contextos culturais distintos, e a cultura, alimentada por vários sujeitos, torna-se produto de um conhecimento compartilhado, passando a ser autônoma.

A cultura, então, de ferramenta hegemônica, assume a função de mediadora na sociedade, visto que “[...] é capaz de se concentrar em atender às necessidades dos indivíduos, resolver problemas e conflitos individuais com os desafios e problemas da vida das pessoas.” (BAUMAN, 2013, p. 17).

Seguindo esta lógica, da dimensão sociocultural da mediação, Oliveira e Galego (2005) destacam a mediação intercultural, a mediação comunitária e a mediação social. Para as autoras, a mediação intercultural, partindo da concepção pedagógica de Philippe Pierre e Nicolas Delange, permite interpretar o Outro segundo suas diferenças. Já a mediação comunitária se preocupa em potencializar a participação de uma comunidade na resolução de problemas, de maneira que desenvolva autonomia e responsabilidade. E a mediação social está voltada à reconstrução de laços sociais para que a socialização seja mantida.

A mediação sociocultural, integrada às mediações apresentadas no parágrafo acima, pode ser concebida como a ação promotora do reestabelecimento das relações humanas a partir da participação e da valorização do diálogo, respeitando a heterogeneidade cultural entre os sujeitos.

Desse modo, a ação humana supõe tal mediação, uma vez que acontece a partir das interações históricas, sociais e culturais. Sob este ponto de vista, a mediação sociocultural assume um sentido antropológico, pois liga a experiência humana aos produtos da cultura, que pode ser real e/ou simbólico. Para que haja a representação de tais produtos, seja real ou simbólico, torna-se necessário o reconhecimento e a ocupação dos sujeitos no espaço social. Nesse sentido, é indispensável refletir sobre a transmissão das culturas e dos conhecimentos

gerados pelo ser humano ao longo das gerações, de modo a preservar a identidade cultural dos grupos sociais. Por este aspecto, para que haja transmissão cultural deve haver primeiro, um relacionamento entre indivíduos.

Adotando a perspectiva dos produtos da cultura, Canclini (2011) direciona-nos para os desdobramentos de outros conceitos que surgem a partir do conceito de cultura como: consumo cultural, economia da cultura, indústria cultural, cultura associada ao desenvolvimento social, entre outros. Obviamente que, seguindo uma perspectiva econômica, o consumo cultural estaria ligado a um valor estipulado, ao preço disponível para determinado bem.

A questão do acesso à cultura pressupõe a disponibilização de um espaço social para que se consuma cultura. Tais espaços podem ser desde teatros, cinemas, bibliotecas, até mesmo meios de comunicação de massa, como a televisão, o rádio e a internet. Contudo, mais que proporcionar acesso à cultura e promover eventos socioculturais, permanecem as relações entre as pessoas e as redes sociais que se constroem à medida que se oportuniza a participação social.

De acordo com Escosteguy (2010), os estudos culturais, que tiveram início nos anos 1960, em *Birmingham*, na Inglaterra, surgem a partir do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), com a perspectiva de observar o relacionamento entre cultura, sociedade, e as possíveis transformações sociais provenientes desta relação. Nesse sentido, para a autora, o sujeito não é apenas um receptor de mensagens, ele é um agente de reprodução social dos produtos culturais que consome, ou seja, ele assume o espaço de sua atuação.

Segundo Almeida (2007, p. 5), a grande contribuição desses estudos “[...] foi a análise crítica das indústrias culturais e dos aparelhos ideológicos de Estado [...]”, que possibilitaram refletir sobre o papel e a influência destes dispositivos no desenvolvimento da cultura popular e de grupos minoritários.

Sob esta ótica, a recepção que os sujeitos têm das manifestações culturais e das experiências sociais, caracteriza-se como aquilo que consomem e que, ao mesmo tempo, produzem. O acesso à cultura pela sociedade potencializa a construção de dispositivos culturais que promovam atividades e ações voltadas à produção cultural. Entre esses

dispositivos também se situam aqueles que permitem o acesso à informação e que, portanto, também estão articulados à mediação cultural. Por esse aspecto, os dispositivos culturais, por vezes inseridos em contextos culturais híbridos, têm a função de disponibilizar ações e atividades culturais para a produção e circulação de informação, utilizando da mediação cultural para promover o acesso à cultura.

Coelho (1997, p. 248), define mediação cultural como:

Processos de diferente natureza cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos ou coletividades e obras de cultura e arte. Essa aproximação é feita com o objetivo de facilitar a compreensão da obra, seu conhecimento sensível e intelectual – com o que se desenvolvem apreciadores ou espectadores, na busca de formação de públicos para a cultura ou de iniciar esses indivíduos e coletividades na prática efetiva de uma determinada atividade cultural. [...] Os diferentes níveis em que essas atividades podem ser desenvolvidas caracterizam modos diversos da mediação cultural, como a ação cultural, a animação cultural e a fabricação cultural. Diz-se ainda que os meios de comunicação, sendo por um lado eles mesmos produtos culturais acabados que se apresentam como fins em si, operam uma mediação entre os diversos segmentos e modos culturais da sociedade.

Por este aspecto, dispositivos culturais, tais como bibliotecas, arquivos, museus, e teatros podem ser analisados como espaços de comunicação e canais de transmissão cultural, servindo como agentes de mediação sociocultural.

Tais instituições representam espaços onde se desenvolvem a autoconstrução da identidade social, pois têm atuado na sociedade com este propósito: mediar a cultura e oportunizar mudanças sociais. Isto se dá em virtude das interações entre os sujeitos que delas participam, a forma como entendem o mundo e suas regras e práticas.

A mediação sociocultural é uma estratégia que pode potencializar a construção de caminhos que alcancem condições de extrema transformação, que na maioria das vezes parecem inalcançáveis frente às barreiras econômicas, sociais, culturais. Informar, comunicar, transmitir e colaborar para que se construa

conhecimento, representam ações que podem contribuir para a formação de protagonistas sociais que desempenhem uma participação ativa na sociedade, que passarão a atuar para uma afirmação social coletiva.

Nesse contexto, pode-se entender a mediação como uma ação que também promove a cidadania, uma atitude que está relacionada à responsabilidade social, em que o todo se constitui à medida em que as partes são construídas. Compreender a mediação como um ato de cidadania pode representar uma estratégia promissora para reorganizar a sociedade e potencializar a inclusão social, atuando também para o estabelecimento de políticas públicas que atendam, por exemplo, a população mais carente, disponibilizando-lhe o acesso à educação e à saúde, direitos básicos e essenciais para qualquer cidadão, mas também o acesso à informação que permite ao cidadão conhecer para agir. Assim, ambientes informacionais como a biblioteca pública se caracterizam, por natureza, como ambientes de mediação.

### **3 A BIBLIOTECA PÚBLICA: LUGAR DE INÚMERAS POSSIBILIDADES**

Pensar a biblioteca pública como um espaço de encontro e diálogo, pressupõe pensar a biblioteca pública como um espaço de participação e também de convívio. Tal concepção pode ser melhor compreendida ao observarmos o conceito de espaço, visto por Krampen (1979, p. 25 apud SANTOS, M., 2006, p.63) “[...] um palco onde os humanos entram em relação com outros homens e com objetos.”

Na contemporaneidade, a biblioteca pública que ainda atua em uma concepção tradicional tem uma série de questões a enfrentar e limites a superar. Galvão (2014, p. 224) aponta algumas questões:

Como expandir as bibliotecas até os lugares mais remotos? Como compreender a sua ausência em lugares tão óbvios, como instituições públicas de educação infantil (PEREIRA, 2011)? Como torná-la atraente a um público cada vez mais amplo e com interesses tão diversos? Como dissociá-la da imagem do medo, do silêncio e do sagrado? Como associá-la a um lugar de prazer? Como acolher os neo-leitores,

crianças e adultos que, em um país de universalização tardia da escolarização, como o Brasil, começam, nesse início do século XXI, a procurar livros, livrarias e bibliotecas? Como fazer compreender que sempre haverá ameaças aparentes à biblioteca? Como se desvencilhar de uma concepção iluminista de leitura, que atribui ao livro o poder de mudar as mentes? Como, então, libertar-se da ideia de que o neo-leitor é incapaz de construir sua própria trajetória de leitor e insistir em prescrever-lhe o que deve e o que não deve ser lido? Como incorporar a discussão da ideia, na formação de professores e de bibliotecários, de que as boas e as más leituras são uma construção histórico-social e que os cânones literários não são absolutos nem universais?

A problemática explicitada pela autora se relaciona a quatro problemas recorrentes na história dessa biblioteca: o seu público, o acesso a essa biblioteca, a composição de seus acervos, as práticas de leitura, o papel do bibliotecário como mediador responsável por essa instituição e, ainda, acrescenta-se aqui a falta de edifícios modernos e confortáveis.

Sabe-se que a falta de recursos ou, simplesmente, a prioridade na distribuição destes para a biblioteca é um dos principais motivos da ausência de reformas e reestruturação de seus espaços. Contudo, a partir da revisão de literatura sobre a situação da biblioteca pública no Brasil e no Mundo, identifica-se que a ressignificação do seu conceito e de sua função na sociedade está além dos seus serviços, mas na projeção do seu ambiente físico com um lugar de opinião pública, de cultura, de encontro, aberto, acessível, atrativo e confortável. Um espaço híbrido na disponibilização de seus principais serviços e ações, um espaço de todos e para todos, que é envolvido constantemente com a comunidade.

Talvez pensar a biblioteca pública com estas características possa dissociá-la da função que majoritariamente a sociedade entende como sua, que é de guardião de livros. Embora, esta também seja uma de suas funções, a biblioteca deve ser compreendida como um espaço universalmente acessível, onde os cidadãos são livres para se reunir e confraternizar sem se sentirem, apenas, como leitores.

O uso de tecnologias para buscar, produzir e armazenar informações fez com que políticas

públicas fossem criadas a fim de adaptar as bibliotecas a novos recursos e muni-las de computadores e acesso à internet. Isto pode ser melhor comprovado ao identificarmos que, por exemplo, no Brasil, há 127 milhões de pessoas com acesso à internet, sendo que 72,4 milhões utilizam a internet por meio de um smartphone, segundo pesquisa da Nielsen IBOPE no segundo trimestre de 2015. (BRASILEIROS, 2016). A Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República realizou a Pesquisa brasileira de mídia 2015, a qual apontou que

[...] 76% das pessoas acessam a internet todos os dias, com uma exposição média diária de 4h59 de 2ª a 6ª-feira e de 4h24 nos finais de semana. Eles estão em busca, principalmente, de informações (67%) – sejam elas notícias sobre temas diversos ou informações de um modo geral –, de diversão e entretenimento (67%), de uma forma de passar o tempo livre (38%) e de estudo e aprendizagem (24%). (BRASIL, 2014, p. 49).

Tais dados revelam que, atualmente, a reconfiguração da biblioteca pública não está apenas na oferta de acesso público à internet e computadores. Obviamente que, dentro desse percentual há também aqueles que não utilizam a internet e suas ferramentas por falta de habilidade ou mesmo pelos custos que envolvem o uso das novas mídias. Nesse caso, a biblioteca pública assume o papel mediador, a ação de interferência, colocando o conhecimento diretamente nas mãos dos analfabetos digitais, iletrados e dos menos favorecidos socioeconomicamente. Atrelada a esta função educadora, a biblioteca disponibiliza seus serviços de maneira inovadora - encoraja seus leitores a explorarem seus espaços para fazerem leituras diferentes daquelas que se iniciam nos livros, estimula-os a ler e interagir com o mundo. As bibliotecas existem porque existem pessoas, e não somente porque existem livros. Apesar dos relacionamentos sociais estarem cada vez mais baseados no virtual, a valorização do contato físico, a interação face-a-face, pode ser uma importante estratégia para reavivar a aproximação entre as bibliotecas públicas e sua comunidade.

A reflexão sobre o espaço e lugar da biblioteca pública na vida cotidiana da sociedade tem gerado algumas discussões na literatura recente da área da Biblioteconomia e CI. Crippa

(2015) discute sobre o espaço físico da biblioteca pública como um lugar de participação social capaz de transformar a sociedade; Frota (2014) trata da biblioteca pública como espaço de formação da opinião pública; Gomes (2014a) aborda sobre a biblioteca pública como um espaço social de cultura; Machado, Elias Junior e Achilles (2014) trazem a biblioteca pública como uma instituição social no espaço público; Rasteli e Cavalcante (2013) abordam sobre a biblioteca pública como um lugar de mediação da leitura; Medeiros (2010) analisa a biblioteca pública como um espaço para a construção da cidadania; Silveira e Reis (2011) identificam a biblioteca pública como espaço de práticas culturais e de memória.

Em todos os textos citados se percebe a necessidade do aprofundamento, na contemporaneidade, de debates acerca do novo papel atribuído a biblioteca pública e as apropriações que a sociedade vem construindo sobre a sua imagem e a utilização de seus espaços. A biblioteca pública como uma instituição social deve possibilitar a convivência entre as pessoas, e por isso, à medida que o ser humano se transforma, ela também deve acompanhar tal mudança, entretanto, mantendo a historicidade dos diversos sujeitos que passaram por ela.

A presença em mais de um local – físico e virtual – denota uma nova estratégia para agregar, novamente, a importância da biblioteca pública para a sociedade.

Em um primeiro momento, de aproximação com os seus usuários e principalmente com os seus não-usuários, tendo em vista a possibilidade de ocupação e de circulação por um território amplamente frequentado. De outro lado coloca-se também como oportunidade para as bibliotecas públicas se constituírem em agentes dessa ocupação, tendo em vista que o acesso à internet não garante a qualificação nos processos de busca, recuperação e uso da informação. (MACHADO; ELIAS JUNIOR; ACHILLES, 2014, p. 123).

A ideia de uma biblioteca pública que esteja em dois tempos e dois lugares possibilita a ampliação da acessibilidade de seus serviços, do relacionamento e fidelização de seus usuários. Gomes (2014a, p. 160, destaque da autora), com base nas dez condições defendidas por Perrotti (2010) para a atuação de uma biblioteca, descreve algumas características essenciais:

- a) postura de **acolhimento** – espaço educativo e cultural que acolhe e reconhece as diferenças e singularidades da comunidade;
- b) atitude de **projeção** – projeta a comunidade rumo ao conhecimento;
- c) fomentar a **cooperação** – local de fomento a parcerias, trocas e ações cooperativas;
- d) proporcionar e desenvolver **sinergia** – espaço de articulação de saberes;
- e) assumir comportamento pró-ativo quanto ao desenvolvimento e implantação de **políticas públicas** – atuar pelo desenvolvimento de políticas voltadas protagonismo social e cultural;
- f) favorecer a formação, conservação e o acesso à **memória coletiva** – constituir e disponibilizar acervos diversificados;
- g) cultivar e estimular a **dialogia** – assumindo a função de local de interlocuções e trocas simbólicas;
- h) **saber redesenhar-se** – redefinindo permanentemente suas práticas culturais e a atuação de seus profissionais (constituição do mediador da informação);
- i) constituir-se enquanto uma **estação cultural** – promovendo a produção e ressignificação dos saberes;
- j) atuar no foco da **infoeducação** – orientando e também educando para o mundo informacional.

Sob esta ótica, a biblioteca pública se configura como um dispositivo indispensável a sociedade, no que tange às exigências do mundo moderno. Entretanto, vale ressaltar sua importância como lugar de memória que reúne por meio de documentos a referência histórica de um povo, transmitindo e movimentando os saberes humanos por gerações. Essa característica permite que a biblioteca pública seja compreendida, também, como mediadora das experiências da humanidade.

#### 4 A BIBLIOTECA PÚBLICA E SEUS LUGARES NA SOCIEDADE: SEU ESPAÇO FÍSICO E VIRTUAL EM DISCUSSÃO

O espaço físico da biblioteca pública brasileira, bem como a representação simbólica deste espaço, tem atendido às demandas de

seus usuários, sobretudo, às novas demandas de espaço entendido como público e popular, exigidos pela sociedade atual? Na década de 1980, Emir Suaiden desenvolveu um estudo que apresentou um diagnóstico sobre as bibliotecas públicas, apresentando obstáculos na atuação dessas bibliotecas, salientando a precariedade nas instalações físicas, no acervo e mobiliário; ausência de profissionais qualificados; falta de investimentos da parte governamental e, conseqüentemente, de visibilidade na sociedade.

Após três décadas, Galvão (2014) discute alguns dos principais problemas que ainda permanecem na história das bibliotecas públicas: o público, o acesso, os acervos, as formas de leitura e o papel do profissional que a dirige, acrescentando aqui a falta de edifícios modernos e confortáveis.

O uso do ambiente virtual por bibliotecas públicas para promoverem suas ações e, conseqüentemente, seus espaços físicos tem se tornando algo comum devido a dinamicidade e atratividade desses espaços, no entanto, por que o espaço físico da biblioteca também não deve ser um ambiente onde se articulam trocas dinâmicas de informação? A apresentação da biblioteca pública como um lugar de leitura, arte, lazer e cultura em *sites* de redes sociais, por exemplo, deve coadunar-se com a realidade do seu espaço físico, de forma a dar credibilidade a este dispositivo social.

Logo, a ressignificação desse espaço apresenta-se como algo a ser refletido. Torna-se necessário pensar na biblioteca como lugar que acomode diferentes práticas socioculturais. As bibliotecas existem porque existem pessoas e, se as pessoas encontram obstáculos para estar na biblioteca, esta é apenas um espaço onde são guardados livros, pois é a presença dos usuários que faz com que estas bibliotecas exerçam o seu papel mediador.

Isto se reforça através, por exemplo, das leis de Ranganathan. Sendo os livros para uso, quem os usará, senão as pessoas que frequentam a biblioteca? Se para cada leitor seu livro, há de se considerar multiplicidade de usuários e suas peculiaridades no acesso e uso da informação. Já que cada livro tem o seu leitor, os serviços, produtos e práticas bibliotecárias se ampliam, uma vez que se demanda a dinamização no uso de suas coleções e no acesso ao catálogo. Ao pensar no tempo do leitor na busca por

informação, vê-se que o uso de tecnologias pelas bibliotecas favorece a rápida busca de informação pelos usuários. A biblioteca como um organismo em crescimento, está sempre pronta para ampliar seu acervo, sua estrutura física, seus serviços, suas ações e atividades culturais, adequando-se ao seu contexto social. (TARGINO, 2010; GORMAN, 1998).

A problemática em torno do espaço físico da biblioteca, de fato, é algo que interfere na aproximação com seus usuários, que possuem demandas de atendimento específicas, que vão desde a leitura de um livro no final de semana até utilizar espaço da biblioteca para usar o computador, tomar um café, ou simplesmente se reunir com um grupo de amigos. Para grande maioria da população o espaço da biblioteca, que é gratuito, tem sido a única oferta de lazer e cultura, e representa um dos poucos espaços públicos que podem atender suas necessidades individuais, oferecendo diversos serviços públicos e, ao mesmo tempo, espaços livres que possibilitem a convivência e o desenvolvimento social e cultural, que podem ser compreendidos como parâmetros que indicam como a biblioteca pública deve se apresentar a sociedade moderna.

A biblioteca do século XIX seduzia o público pela grandiosidade de seus edifícios, suas grandes escadarias de mármore e arquitetura clássica, a biblioteca contemporânea deve seduzir o público pelo acolhimento do seu espaço físico, removendo todo e qualquer obstáculo e barreira física, estrutural, visual, social entre outras. Tal atitude evidencia seu papel social como mediadora, quando favorece o desenvolvimento do sentimento de pertença, pois está envolvida com a ação de cuidar, quando valoriza o coletivo. (GOMES, 2014b).

Com isso, as parcerias com organizações da sociedade civil e órgãos públicos de interesses comuns, potencializadas com o uso de dispositivos da *web* social, por exemplo, representam uma boa estratégia para trazer os usuários até o espaço físico da biblioteca. Válido também ressaltar que se estas bibliotecas estão bem localizadas geograficamente, ou seja, pertencem ao centro da cidade e enriquecem a paisagem, elas fazem parte da concentração urbana de serviços na área da cultura, educação e lazer, e assim, a comunicação positiva que estabelecem com outros espaços públicos e/ou organizações da sociedade civil, potencializa a



concepção da biblioteca pela sociedade como um “empório de ideias” – lugar de inúmeras possibilidades.

Tal concepção se associa ao conceito de espaço visto por Krampen (1979, p. 25 apud SANTOS, M., 2006, p.63): “[...] um palco onde os humanos entram em relação com outros homens e com objetos.” Ou mesmo ao significado da palavra “empório”, que está relacionada a um núcleo, um centro, um porto, uma cidade onde pessoas de todos os lugares se reúnem para realizar atividades, seja na área comercial, seja na área cultural, entre outras. (HOUAISS, 2009).

Essa perspectiva espacial, que pode ser planejada com o auxílio do ambiente virtual, e concretizada no ambiente físico, coloca a biblioteca como um ponto focal na sociedade para integrar pessoas e colaborar nos processos de aprendizagem. As discussões em torno do espaço físico e também simbólico da biblioteca pública contemporânea apontam para a ressignificação dessa biblioteca como um espaço que transcende a preservação do livro e acesso à leitura, um espaço de cultura e disseminador de informação, um espaço acolhedor e agradável que possibilita a convivência entre as pessoas, um espaço de práticas e representações sociais, que é adaptável às transformações sociais e humanas, e que se preocupa em manter a identidade e historicidade dos sujeitos que passaram por ela.

Pensar na biblioteca pública como um espaço compartilhado, é pensar na biblioteca como uma comunidade, onde existem sujeitos com diversas personalidades e intenções, mas que são livres para discutir suas ideias, aprender com o outro e negociar interesses divergentes. A biblioteca pública como um “empório de ideias” seria o lugar do crescimento mútuo e do diálogo.

O espaço e lugar da biblioteca pública na vida cotidiana da sociedade e as novas formas de utilização dessa biblioteca, tornam-se mais evidentes quando se começa a observar os avanços sociais e, conseqüentemente, as novas formas de relacionamento, interação e aprendizado. Constituir a biblioteca pública como um espaço onde as pessoas são estimuladas à participação cidadã, onde são convocadas a formar opinião pública e discutir possíveis mudanças sociais, um espaço que se utiliza das ações culturais para mediar a informação, um espaço onde os registros da memória de um povo se ampliam à medida que os sujeitos se tornam

protagonistas e criam novos significados para suas histórias, é pensar a biblioteca como um ponto de encontro que, em meio a uma sociedade cada vez mais individualista, torna-se cada vez mais necessária, proporcionando a valorização do contato físico e que, em se transformando em lugar de acolhimento, passa a ter o grande potencial para reavivar a aproximação entre as pessoas e o mundo social.

A partir de uma perspectiva mercadológica, a biblioteca pública, como um “empório de ideias”, é um espaço onde as pessoas se sentem estimuladas a consumir e reproduzir informação e cultura, implicando no viés de consumo cultural. Mas, paradoxalmente, esse mesmo viés exige da biblioteca pública contemporânea um olhar sensível para que possa perceber as novas demandas da sociedade e, assim, desenvolver estratégias para uso de seus espaços que transcendam o acesso ao livro e a leitura, incorporando serviços, produtos e ações que motivem a participação dos usuários e sua capacidade criadora de cultura, já que sem a presença das pessoas seu espaço perde seu significado. Desse modo a biblioteca pública contemporânea se aproxima da biblioteca pública prevista por Serrai (1975, p.161), quando diz que essas bibliotecas “[...] disporão de uma organização mais racional e eficiente e, com certeza, estarão mais diferenciadas das atuais.”

## **5 CONCLUSÃO**

A consolidação da importância da biblioteca pública em sua comunidade se dará a partir da ressignificação de sua imagem diante da sociedade à medida que for capaz de adaptar seu espaço físico às exigências do mundo contemporâneo.

A simbologia do edifício da biblioteca pública, como um templo do saber, um lugar de erudição, abre espaço para que essas bibliotecas se tornem também importantes centros de cultura de suas cidades.

Nesse sentido, seja no espaço físico ou no virtual, sua representação perante a sociedade é (ou deve ser) de um espaço que desperta a vontade de conhecer, aprender, produzir e compartilhar. A biblioteca pública é, portanto, um espaço de criação e que dialoga como todos os níveis de discussões, contradições, esperanças e emoções.

No sentido amplo, como seria dizer que uma biblioteca pública é a representação da comunidade em que está inserida? Talvez, a partir dessa reflexão se poderia imaginar se “aquela” biblioteca mais próxima nos representa. Por este aspecto, a biblioteca se configura como um espaço de transformação social, pois está dentro da sociedade interferindo na cultura a

partir de suas ações direcionadas à leitura e a disseminação da informação e do conhecimento. Portanto, entende-se que na atualidade, além da prestação de seus serviços tradicionais, as bibliotecas públicas devem se reafirmar como espaços ativos nos processos de mediação e construção social, cultural e histórica dos lugares onde estão inseridas.

Artigo recebido em 25/09/2016 e aceito para publicação em 14/02/2017

### **A PUBLIC LIBRARY AS AN IDEA EMPORIUM: evidence of its place in contemporary society**

**ABSTRACT** *Critical study of the Library area of literature. Information Science and Sociology for reflection of the social role of the public library in contemporary times, in order to identify and analyze their role as cultural mediator and information. Reflecting on cultural mediation, their social and conceptual implications, is located the public library as a social space that action to carry out the mediation of information. Discussing the possibilities of public library operations, says its transformative potential to represent a space for meeting and amid dialogue and cultural diversity of technological devices, diversifying the mode of production and circulation of cultural goods, going to be characterized as a kind of “emporium of ideas”, which should also allow the comfort of the user’s residence. Concludes that the public library today is invited to rethink their role as information mediation space that both preserves the social memory and provides the conditions for creativity and cultural production, ensuring the respect for difference is the engine of social role and respect and citizenship.*

**Keywords:** *Public Library - Mediation Information. Public Library - Cultural mediation. Public Library - Social function.*

### **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, M. A. Mediação cultural e da informação: considerações socioculturais e políticas em torno do conceito. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: ANCIB. PPGCI-UFBA, 2007.

BAUMAN, Z. **A cultura no mundo líquido pós moderno.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015:** hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: < <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/>

[pesquisa-brasileira-de-midia-pbm2015.pdf](#)>. Acesso em: 8 jan. 2016.

BRASILEIROS com internet no smartphone já são mais de 70 milhões. Disponível em: < <http://www.nielsen.com/br/pt/press-room/2015/Brasileiros-com-internet-no-smartphone-ja-sao-mais-de-70-milhoes.html>>. Acesso em: 8 abr. 2016.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2011.

COELHO, T. **Dicionário Crítico de Política Cultural.** São Paulo: Iluminuras, 1997.

CRIPPA, G. Pensando o espaço público do presente: a biblioteca pública em sua função social. **DataGramZero - Revista de Informação,**

v. 16, n. 2, abr./2015. Disponível em: < [http://www.datagramazero.org.br/abr15/Art\\_04.htm](http://www.datagramazero.org.br/abr15/Art_04.htm)>. Acesso em: 15 mar. 2016.

DEPONTI, C. M.; ALMEIDA, J. Sobre o processo de mediação social nos projetos de desenvolvimento: uma reflexão teórica. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 46., 2008, Rio Branco. **Anais...** Rio Branco/AC: SOBER, 2008.

ESCOSTEGUY, A. C. D. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FROTA, M. G. da C. Biblioteca Pública - espaço de formação da opinião pública? **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, número especial, p. 79-94, out./dez. 2014. Disponível em: < <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2271/1489>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

GALVÃO, A. M. de O. Velhos problemas? Público, acervos, leitura e bibliotecários em cenas da história da biblioteca pública. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, número especial, p. 211-226, out./dez. 2014. Disponível em: < <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2277>>. Acesso em: 08 jan. 2016.

GOMES, H. F. A biblioteca pública e os domínios da memória, da mediação e da identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, número especial, p. 151-163, out./dez. 2014a. Disponível em: < <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2264>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

GOMES, H. F. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46 - 59, maio./ago. 2014b. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994>>. Acesso em: 12 set. 2015.

GORMAN, M. The five laws of library science: then & now. **School Library Journal**, v. 44 n. 7, p.20-23, jul./1998. Disponível em: < <https://resources.oncourse.iu.edu/access/content/group/6eed208c-bc4b-4658-ab50-6c9ee012c201/Public%20Library%20Services/Week%201/FivelawsofLibraryScience.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MACHADO, E. A biblioteca pública no espaço público: estratégias de mobilização cultural e atuação sócio-política do bibliotecário. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, número especial, p. 115-127, out./dez. 2014. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2263>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MEDEIROS, A. L. Bibliotecas e cidadania, **Sinais Sociais**, v. 4, n. 13, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/65e89b24-6ba1-41b8-9700-278a1c722ded/13.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=65e89b24-6ba1-41b8-9700-278a1c722ded>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

OLIVEIRA, A.; GALEGO, C. **A mediação sociocultural**: um puzzle em construção. Lisboa: ACIDI, 2005.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. **Infoeducação**: saberes e fazeres da contemporaneidade. São Paulo: Infoeducação USP, 2008. Disponível em: <<http://infoeducacaousp.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

RASTELLI, A.; CAVALCANTE, L. E. A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em bibliotecas públicas. *Encontros Bibli: revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 18, n. 36, p. 157-180, jan./abr. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p157>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos, 1).

SERRAI, A. História da biblioteca como evolução de uma ideia e de um sistema. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte,

v .4, n. 2, p. 141-161, set.1975. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABORcAF/serrai-historia-biblioteca-como-evolucao-ideia-sistema>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

SIGNATES, L. Estudo sobre o conceito de mediação. *Novos Olhares*, n. 2, p. 37-49, 2. sem. 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/novosolhares/article/view/8311>> . Acesso em: 10 fev. 2016.

SILVEIRA, F. J. N. da; REIS, A. S. dos. Biblioteca pública como lugar de práticas culturais: uma discussão sóciohistórica. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 21, n. 1, p. 37-54, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/3740>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

SUAIDEN, E. J. **Biblioteca pública brasileira: desempenho e perspectivas**. 1979. 93 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia)– Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1979. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/12718?mode=full>> . Acesso em: 12 dez. 2015.

TARGINO, M. das G. Ranganathan continua em cena. **Ci. Inf.**, Brasília , v. 39, n. 1, p. 122-124, abr./2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652010000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652010000100008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 jun. 2015.

46